# Alteridade e Cidadania - conflito interior e exterior

*Maria Josefa de Menezes Almeida*

# Alteridade e Cidadania – conflito interior e exterior

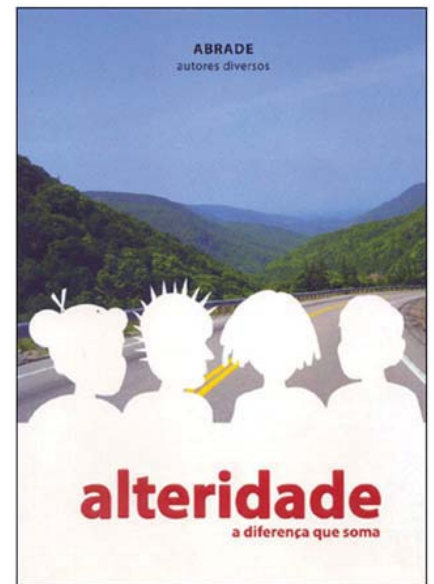
Não é possível pensar em liberdade sem cidadania ou um Estado Democrático de Direito, sem o devido respeito às diferenças. Como um governo pode voltar-se para questões populares sem pluralismo político? Como cogitar tempos de paz, sem alteridade nas relações sociais? Como sonhar com justiça sem tolerância?

(Fonte: http://www.submarino.com.br).

São os exercícios da alteridade, da tolerância e do pluralismo que possibilitam a existência da relação e aprendizado entre os “diferentes”, consubstanciando as relações interpessoais e tornando possível, de forma construtiva, o convívio com os díspares. Nossos dedos da mão são diferentes e exatamente por isso são harmoniosos no conjunto, a humanidade é semelhante a uma mão, somos diferentes dentro da família, da região em que moramos ou na nação a que pertencemos, porque a diferença é inerente à natureza humana. Esta é uma questão de alteridade, ser capaz de aprender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença.

Se faltar alteridade nas relações interpessoais a tendência é que ocorram conflitos que se transformarão em movimentos devastadores para a humanidade como as guerras. Sendo o homem, colonizador por natureza, sua tendência é achar que sabe mais e melhor, que seu padrão de comportamento é o correto. Puro etnocentrismo. Por exemplo, muitos seguem tendências ao se comportar, e pensam que são independentes, mas são controlados pelo marketing pulverizado no tecido social. No míope mundo dos preconceitos, detestavam prostitutas, homossexuais, mendigos e outras minorias e o egocentrismo humano continua causando prejuízos terríveis à humanidade.

(Fonte: http://serlivrepensador.blogspot.com).

Atitudes de anticidadania, intolerância em relação ao outro exemplificam o homem dominado por instintos bestiais e aumentam a violência no Planeta Terra instituindo guerras, organizando movimentos separatistas, difundindo o racismo, a homofobia e a discórdia. Ações que só acarretam perdas

à natureza humana e proporcionam um "engessamento" em toda e qualquer política inclusiva, solidária, pluralista e justa que se queira construir.

Trazer à baila reflexões sobre cidadania, alteridade, tolerância e pluralismo é princípio indissociável para todo e qualquer país que visa a um Estado Democrático de Direito, pois isto constitui a base para uma convivência com vistas à inter-relação entre as diferentes culturas que existem no planeta. Por desrespeito as minorias, aos "diferentes", a humanidade já sofreu bastantes prejuízos. Não há como falar em democracia sem esses fundamentos. Autoritarismo, repressão, desrespeito às minorias, intolerância e colonialismo são sinônimos de ditadura, de totalitarismo. São conceitos que precisam ser identificados no dia a dia através de uma constante vigilância sobre pontos de vistas formulados e especialmente apresentados sobre "o outro", sobre a intimidade do outro.

Desse modo, podemos compreender o quão importante é o respeito na convivência entre os "diferentes" e o quanto isso pode ser útil para a interação e a construção de uma sociedade mais justa, equânime com tendência à harmonia. Luther King em seu famoso discurso "Eu tenho um sonho", pregava a necessidade de união e coexistência harmoniosa entre negros e brancos ao afirmar: Ou aprendemos a viver como irmãos, ou vamos morrer juntos como idiotas. Qualquer mudança exterior passará seguramente por uma mudança interior a princípio, muda o "eu" para que depois se vislumbre alternância na mentalidade social.

Adaptado de:

SILVA, Maurício. Alteridade e cidadania. Disponível em: http://www.artigonal.com/doutrina-artigos/cidadania-alteridade-tolerancia-e-pluralismo-fundamentos-da-democracia 2617641.html Acesso em: 10 de junho de 2010.

## Atenção!!!

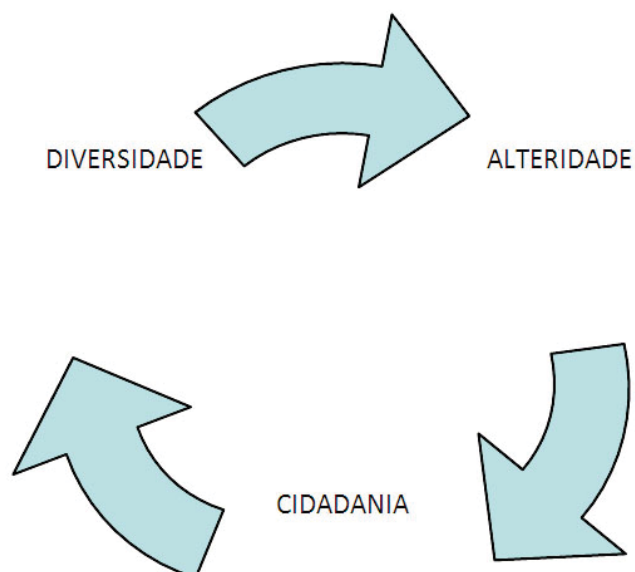
A partir da reflexão motivada pela leitura do texto acima, admitindo a dificuldade para lidar com as diferenças que motivam luta social, dilemas, impasses, conflitos, expresse o desafio de lidar com elas e emita um parecer a respeito em fórum criado para debater a alteridade. Apoie-se também na análise dos textos a seguir:

(Charge de Miguel Paiva, *O Estado de S. Paulo*, 5/10/88 — ed. histórica, p. 3)

**Para mim, a chuva no telhado é cantiga de ninar, mas o pobre meu irmão, para ele a chuva fria, vai entrando em seu barraco e faz lama pelo chão...**

*http://letras.azmusica.com.br/P/letras_padre_reginaldo_manzotti_33196/letras otras_22462/letra_balada_da_caridade_1704150.html*

Não se esqueça!

Estes conceitos estão sempre interligados:

## Atividade 1

OBS: Para responder na Plataforma, no e-mail de grupo ou no Blog.

(Fonte: http://servicosocial-erenilza.blogspot.com /2010/09/enfimo-que-e-alteridade.html).

## Proposta:

Este texto não verbal (imagem acima) indica a relação entre alteridade e cidadania. Baseando-se nele e nas leituras anteriores, redija um texto relacionando a alteridade e a EJA. Procure relacionar as declarações apresentadas à sua realidade. Cite exemplos nos quais se reconheça a correlação solicitada.

**Podemos continuar?**
**Associando a EJA ao contexto da Diversidade, cheque a sua compreensão a respeito, respondendo às questões que se seguem.**

## Atividades

7. Complete a frase abaixo com uma das expressões encontradas nas alternativas a seguir.

A manifestação das diferenças entre os alunos da EJA é sinal de_____ para eles.

a) Dificuldade
b) Valor
c) Evasão
d) Reprovação
e) Empecilho

8. Analise a situação:

Você chega à sala de aula e presencia a cena de um aluno de 15 anos zombando de outro de 60 anos ao perguntar-lhe: "O que você faz aqui?"

Marque com um (X) a expressões que indica a atitude a se tomar nesta situação. Depois, justifique a sua opção escrevendo a esse respeito.

a) pedir para que todos esqueçam o ocorrido
b) explicar que foi uma brincadeira de mau gosto do aluno mais jovem
c) destacar o fato na sala
d) tomar a situação como desafio pedagógico a ser enfrentado cotidianamente
e) pedir ao idoso para não levar em consideração o que aconteceu.

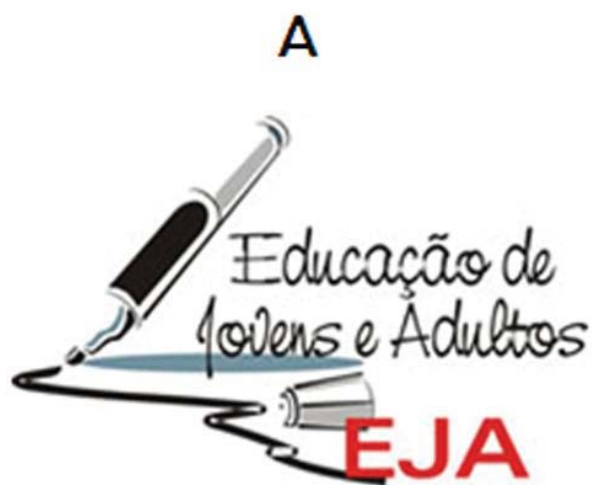
9. Marque um X na declaração que identifica o comportamento a se adotar numa situação de conflito causado pelas diferenças religiosas como as apresentadas pelas imagens abaixo.

(1) (2) (3)

(Fonte: http://entredoismundos2.blogspot.com (1) http://paredesdecoura.blogs.sapo.pt (2) http://extra.globo.com (3)).

a) Advertir a todos sobre provável expulsão aos gritos com a expressão "filho do capeta" por causa de sua prática religiosa como ocorreu com a pessoa da figura 3.
b) Apresentar as diferenças entre as manifestações como marcas de estereótipos e preconceitos.
c) Promover o reconhecimento das diferenças religiosas e defender a orientação a partir do elemento predominante.
d) Declarar a diferença religiosa como uma dentre outras e estimular o respeito pela opção de cada um.
e) Inserir o tema na aula, conduzindo a reflexão sobre a identidade cultural a partir da opção religiosa.

**Pense nisto:**
**Como lidar com estas questões? Que caminhos buscar?**
**Quem sou "EU" e quem é o "OUTRO" neste processo?**

Não se esqueça:

(Fonte: http://www.pedagogiaaopedaletra.com/posts/eja-projeto-marca-que-nos-identificam/).

reivindica:

(Fonte: http://basileia-reino.blogspot.com/2010/04).

# A identidade do educador e do educando de EJA

*Maria Josefa de Menezes Almeida*

# A identidade do educador e do educando de EJA

E isso porque estamos falando aqui das possibilidades de eleger representantes que não sejam apenas aqueles oriundos das classes dirigentes. Imaginem se fôssemos enveredar pelo tema da qualificação/desqualificação dos eleitores - "povo sem educação", "que não sabe votar", "massa de ignorantes"... Parece que nesse nosso-Brasil-brasileiro-moderno-dos-anos-2010, ainda tem gente que gostaria de voltar ao voto plural - aquele que dava maior peso ao voto de proprietários e instruídos.

(Fonte: http://margensociologicas.blogspot.com/2010/10/das-temporalidades-dos-direitos.html).

## Identidade do aluno da EJA

Quais as marcas de identidade sociocultural do aluno da Educação de Jovens e Adultos? As aparências da legitimidade das desigualdades sociais são evidentes entre aqueles que compõem o público-alvo da EJA tanto na legislação que a normatiza ainda através de programas e projetos e não investimentos específicos dentro do contexto

da Educação Básica quanto na cultura escolar através, por exemplo, de um currículo adaptado do que se estabelece para o ensino fundamental e médio.

A LDB garante a "oferta de educação escolar para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, e garante aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola" (BRASIL, 1996, Art. 4º, VII). Ação ainda questionada e somente presenciada no texto da lei, porque não legitima a diversidade desses alunos como grupos sociais que devem ser tratados com respeito, dignidade, equidade e justiça social (DI PIERRO, 2001).

Dentre tantos exemplos relacionados à EJA no país, destaca-se o descaso com que são tratadas pelas políticas públicas as pessoas jovens e adultas que, a considerar a faixa etária em que encontram, buscam tardiamente a escola, especialmente a problemática em relação à sua linguagem. Trazida à sala de aula com um perfil diferente do privilegiado, os alunos, mesmo dominando sua variação lingüística na oralidade, mas não tendo domínio da norma padrão de herança gramatical, tem uma relação tensa, árdua, esforçada, desajeitada com a linguagem e escrita da cultura escolar, pois sua linguagem afasta-se daquela considerada legítima nos processos de escolarização. Enquanto isso, os herdeiros e destinatários sociais da cultura legitimada não só têm condições privilegiadas para a aprendizagem dos saberes escolares, como também, uma relação desenvolta, descontraída, fácil, elegante, segura, diletante com as obras culturais e com a norma padrão da língua. (NOGUEIRA & NOGUEIRA, 2004).

Entre aqueles que frequentam as salas da EJA, encontra-se uma maioria que não usa a norma padrão, entre eles predominam as variações regionais, locais ou de grupos sociais específicos na sua fala. Tais variações não aceitas no processo de escolarização que exige dos alunos o domínio da norma, mesmo que essa prática não faça parte da comunidade de falantes em geral, expõem estes alunos ao desrespeito neste relevante aspecto socioeducativo, o que implica desconsideração à diversidade linguística cultural, um dos elementos a identificar a diversidade cultural.

> Todos trazem consigo para o contexto escolar as marcas de sua herança cultural, mas esta diversidade é considerada ilegítima a exemplo dos diferentes dialetos, variantes lingüísticas legítimas de um contexto sociocultural, por exemplo, são tratadas sob a aura do preconceito, estereótipo social, elemento de exclusão social dentro deste espaço de escolarização (Almeida, 2006 p. 120).

Na atualidade, mesmo quando se reconhecem alguns avanços em relação às políticas públicas para a EJA tais como: perspectivas de maior acesso à escolarização para aqueles incluídos nas taxas de analfabetismo total ou funcional do país; inclusão de participação no Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB) e no Plano Nacional

do Livro Didático (PNLD) dentre outros elementos a se tornarem impactos positivos na história da EJA no país, ratifica-se um contexto ainda significativamente carente para a promoção da EJA no contexto da diversidade, porque estes avanços ainda não se refletem como verdadeiras oportunidades para a promoção da justiça social em favor desta parcela social. As condições das escolas, a falta de formação docente específica, as adaptações dos currículos da Educação Básica para atender este público continuam a impedir a verdadeira promoção da EJA ao status que ela merece e carece (SOARES, 2010).

Assim, a busca pela identidade cultural da EJA faz parte da luta de todos aqueles que com ela estão envolvidos e assim considerar a identidade de docentes e discentes que aguardam por políticas públicas significativas. A questão das identidades, um dos pilares das discussões da teoria dos Estudos Culturais, emerge como elemento predominante de trabalhos que discutem a heterogeneidade e hibridização de questões como as de gênero, de índio, de pessoas com necessidades especiais (grupos mergulhados em uma identidade e cultura própria), questões de identidade regionais (o "nordestino", o "sergipano"), de jovem, de internauta frequentador dos chats etc. Em discussões desta natureza, o confronto entre o global e o local, entre a tradição e a contemporaneidade assumem um caráter de suma importância. Num panorama geral como esse, a educação não pode se furtar, especialmente na EJA, de inserindo-se na complexidade de tais processos sociais, dar-lhe uma resposta, apresentar-lhe uma posição política a respeito.

(Fonte: http://diariodeviagenseloireandressa.blogspot.com).

Por outro lado, admite-se um processo de redemocratização do Brasil através do qual se intensifica inegavelmente a preocupação com a melhoria da educação, em termos de atendimento à demanda escolar, incluindo-se nela a EJA, mas, no que tange à permanência destes alunos nas escolas, especialmente os da EJA, ainda precisa ser conquistada por meio da melhoria do ensino e quiçá pelos investimentos em prol da formação continuada do seu professor. Deste contexto, fazem parte as reivindicações dos movimentos sociais que abrem espaço para o desenvolvimento de um movimento de renovação pedagógica, orientada pela "pedagogia crítica". Uma nova visão da profissão docente, que, além de ampliar os níveis de sua participação em decisões relativas à educação que se executará, propõe que seu trabalho seja resultado de uma reflexão crítica e continuada sobre sua prática, bem como regida por um compromisso ético em relação a ultrapassar os mecanismos responsáveis pela exclusão do aluno, especialmente aqueles oriundos das camadas populares. Assim:

> (...) O saber não é uma substância ou um conteúdo fechado em si mesmo; ele se manifesta através de relações complexas entre o professor e seus alunos. Por conseguinte, é preciso inscrever no próprio cerne do saber dos professores a relação com o outro, e, principalmente, com esse outro coletivo representado por uma turma de alunos (TARDIF, 2008, p. 13).

**A partir destas considerações, dê uma resposta a este questionamento: Há algum problema com a fachada desta escola que oferta a EJA em Sergipe?**

(Fonte: acervo pessoal/2009).

**Que pode ser feito para que seja preservada a identidade do aluno da EJA em Sergipe? Que faziam estes professores e alunos? Descubra acessando o endereço da imagem seguinte!**

(Fonte: http://sesi-eja.blogspot.com).

Quer saber mais sobre o universo da EJA em Sergipe?
Acesse: www.seppeja.blogspot.com;

## Identidade do professor da EJA

Depois de apontar os questionamentos que envolvem a EJA, a partir do olhar sobre o sujeito que recebe esta ação educativa, volta-se à reflexão para o papel daquele que conduz este processo educacional, quer em espaços formais, quer em espaços informais. E, neste contexto, indica-se como perspectiva e desafio futuro, a importância do investimento na profissionalização do professor como contribuição para a sua atuação. Falar da sua identidade, de sua atuação é reportar-se também aos processos de formação que lhe são oferecidos. Esta consciência o apresenta como tema que há algum tempo se estabelece como questão central no campo pedagógico, potencializado a partir da década de 90, como problemática social de um discurso institucionalizado que se designou Formação de Professores.

Também não é casual que o próprio MEC através da Secretaria de Ensino Fundamental (SEF) tenha instituído os chamados “Referenciais para a Formação de Professores” (1999) com o objetivo explícito de propor e implantar mudanças nas práticas institucionais e curriculares da formação de professores no país. Neste contexto, pretende-se acrescentar a tais configurações para o que se denomina desenvolvimento profissional docente, a nova perspectiva pedagógica que nesta mesma década vem se desenvolvendo como opção ou talvez determinação social para a atuação profissional, especialmente do professor de EJA, a interculturalidade.

Com suas potencialidades e fragilidades, a Educação de Jovens e Adultos tem uma história construída a partir do percurso de muitas outras histórias, no Brasil, na América Latina, bem como em toda localidade que com ela trabalhe. Cada um possuindo peculiaridades, mas, em todas se verificando o esforço por construir uma identidade própria. Assim, o desafio para o professor da EJA parte da identificação da natureza dos conhecimentos práticos e dos estilos cognitivos próprios do aluno jovem e adulto para investigar como estes conhecimentos e estilos poderiam se transformar em aprendizagens tipicamente escolares. Melhor definindo, de que maneira a escola poderia ser modificada para se adequar à demanda deste público tão diverso e especial. Aí se insere a necessidade da formação específica para o docente da EJA (RIBEIRO, 2005).

(Fonte: http://www.hojems.com.br/hojems/0,0,00,9989-52774-+TRANSITO+EM+SALA+DE+AULA.htm).

Há algum tempo, alguns autores apontam como alternativa, o princípio da flexibilidade curricular, discurso recorrentemente evocado nos documentos curriculares de vários espaços educativos do Ensino Fundamental. Associa-se a este desafio à ação profissional que é dirigida ao público jovem e adulto, como alternativa para a referida situação (RIBEIRO, 2005), no entanto se observa também que as formas de concretização desse princípio são limitadas: algumas propostas apresentam a flexibilidade como individualização do ensino, principalmente por meio de modalidades de atendimento não presenciais; outras apontam a minimização do processo educativo da escola convencional como alternativa de flexibilidade para a escola para jovens e adultos porque se realiza no turno noturno e não há tempo suficiente para a abordagem como um todo. Equívocos à parte, a flexibilidade curricular não é isso.

Como construir uma atuação profissional do docente da EJA se das 1.500 IES do Brasil, apenas cerca de vinte e quatro (24) cursos de Pedagogia têm habilitação em EJA e na grade curricular de outras licenciaturas não se encontra nenhum componente

curricular que promova reflexão sobre a EJA? (SOARES, 2003). Quando o assunto é capacitação em serviço, a mesma se dá de maneira pouco satisfatória devido ao formato da oferta, conseqüentemente, ocasionado dificuldade em desenvolver as propostas teórico-metodológicas necessárias que não estão contempladas no bojo das preocupações das políticas públicas dos governos. A realidade específica da EJA carece da constituição de um profissional docente que contemple competências e saberes necessários à prática com aprendizagens fundamentais de adultos e jovens trabalhadores.

A EJA necessita de um professor que assuma o papel de mediador no processo ensino-aprendizagem para o aluno e da sua própria aprendizagem para exercer bem a sua função social neste referido contexto. Frente à diversidade de saberes deste grupo, representante de diferentes lugares sociais, ele se apercebe da especificidade dos conhecimentos a serem partilhados, que por sua vez, passarão por um processo de reconstrução, frente ao outro, ao diálogo especialmente cultural. O professor se constitui como sujeito que aprende à medida que interage com seus pares e seus alunos. Um constante processo de redefinição mental, social e profissional.

Assim percebe-se o quão complexo é ser professor na atualidade e em especial um professor da EJA tendo a sensibilidade de perceber a pessoal com a qual interage no processo educativo inserida no seu mundo cultural no qual a vida em sociedade pode conduzir aos diversos caminhos da existência. Como afirma Tardiff (2005, p. 149), o professor estará constantemente e continuamente se constituindo: “alguém que deve habitar e construir seu próprio espaço pedagógico de trabalho de acordo com limitações complexas que só ele pode assumir e resolver de maneira cotidiana, apoiando necessariamente em visão de mundo, de homem e de sociedade”.

A construção da identidade profissional do docente da EJA vai além das paredes da escola, das abordagens técnico-metodológicas das práticas educativas, exige saberes muito mais amplos para além do saber ensinar. Nóvoa (1995), já enfatizara que o saber ensinar é algo relevante na profissão do professor e a “maneira de ensinar evolui com o tempo e com as mudanças sociais”. No caso da EJA, destaca-se no contexto social atual a exigência de específicos à modalidade EJA. Neste processo, a discussão de ser professor e suas competências básicas como destaca Sacristán in Nóvoa (1995, p.73): A competência docente não é tanto uma técnica (...) O professor não é técnico nem improvisador, mas sim um profissional que pode e deve utilizar o seu conhecimento e a sua experiência para se desenvolver em contextos pedagógicos práticos preexistentes.

É possível, sob tais referências, potencializar as práticas formativas com educadores da EJA a partir do entendimento de que conteúdos escolares são tanto aqueles que estimulam e aguçam a curiosidade e a expressão do universo cultural de origem familiar daqueles que expressam os conhecimentos apreendidos no contexto institucional escolar em que se inserem quanto os cristalizados pela herança cultural hegemônica socialmente e partilhadas pelo aparelho estatal da escola. Neste contexto, há também de se superar

a adoção de perspectivas culturais meramente aditivas, operacionais e isoladas de experiências e práticas multiculturais. O diálogo entre culturas, ou a interculturalidade deve fazer parte de todo processo de formação docente para que esta abordagem possa se constituir em norte pedagógico em sala de aula (AGUADO, 2003; ALMEIDA 2012) e em aspecto pedagógico da EJA (UNESCO, 1997 e 2010), buscando construir uma ação pedagógica efetiva que tenha uma tessitura capaz de ter como eixo central, o intercultural no processo ensino-aprendizagem como uma necessidade premente.

O desenvolvimento da competência intercultural apresenta-se como alternativa para a formação docente e indicador para a reorganização curricular da EJA a fim de que possamos contribuir para a verdadeira formação cidadã da pessoa que procura retomar seus estudos na EJA. Sobre este tema, de maneira um pouco mais exaustiva se tratará um pouco mais detidamente em tópico a seguir.

Quer saber como contribuir com a sua identidade profissional?

Acesse: www.cereja.org.br; www.forumeja.com.br

## Referências

AGRADO, T. **Pedagogia Intercultural**. Mc Grill, 2003

ALMEIDA, M. J. de M. **Representação social da cultura nordestina no livro didático de L. Portuguesa – um estudo de caso**, Dissertação de Mestrado, Assunção:UAA, 2006.

ALMEIDA, M. J. de M. **Pedagogia intercultural no contexto da formação docente : aporte para a educação de jovens e adultos em Sergipe**, Tese de Doutorado, Assunção:UAA, 2012.

BRASIL, LEI Nº 9.394 – **Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Promulgada em 20.12.1996. São Paulo: Cortesia da Editora do Brasil.

BRASIL. **Referenciais para a formação de professores.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1999.

DI PIERRO, M. C. **Descentralização, focalização e parceria: uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de jovens e adultos.** Em: EDUCAÇÃO E PESQUISA, São Paulo, p. 321-338, 2001.

FREIRE, P. (1996) **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**, 41ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 2010.

MACHADO, M. Margarida. **A atualidade do pensamento de Paulo Freire e as políticas de Educação de Jovens e Adultos.** Conferência de abertura do IX Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos – IX ENEJA, Pinhão/Faxinal do Céu/Paraná, setembro de 2007. Disponível em http://www.reveja.com.br. Acesso em dezembro de 2010.

NOGUEIRA, M. A.; NOGUEIRA, C. M. M. **Bourdieu e a educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOVOA, A. **Os professores e a sua formação**. Portugal, Publicações Dom Quixote, 1995.

RIBEIRO, V. M. (Org.) **Educação de Jovens e adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas: Mercado das Letras, ALB, Ação educativa, 2005.

SOARES, Leôncio. **Educação de jovens e adultos**, 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOARES, L. Formação de educadores: a habilitação em EJA nos cursos de Pedagogia. In: SOARES, L. et al (Org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: educação de jovens e adultos.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

TARDIF, M. e LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas.** Petrópolis: Vozes, 2005.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** 9ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

## Atividade 2

OBS: Para responder na Plataforma, no e-mail de grupo ou no Blog.

(Fonte:http://www.unieducar.org.br /cursos.asp?cod=2&cod_curso=215).

Proposta:

1) Tome como referência o texto lido neste primeiro tema do Curso e:

a) Caracterize o aluno da EJA de sua escola. Basta elencar 20 adjetivos.

b) Caracterize o Educador da EJA do seu município, confrontando a sua vivência com as informações do texto ou, caso não seja professor desta modalidade de ensino, procure conhecer esta realidade antes de pronunciar-se a respeito.

**Aprofundando o tema: EJA no contexto da Diversidade, passamos a refletir sobre perspectivas pedagógicas a contribuir com o diálogo, a negociação, a interação em sala de aula. Siga em frente! Responda às questões que se seguem.**

1. Marque um (X) na alternativa que indica o modelo de educação reconhecido para atender à diversidade no contexto da EJA.

a) Educação que sugere compensar deficiências genéticas e ambientais de grupos minoritários.

b) Educação que orienta a adaptação dos diferentes às tradições e costumes da maioria.

c) Educação que indica a consideração às manifestações diferentes das habituais

d) Educação que defende as diferenças a partir de uma visão cooperativista.

e) Educação que busca a referência cultural local para ir ao encontro de outras culturas necessárias à formação dos envolvidos.

2. A partir da apreciação às imagens abaixo, responda à questão abaixo:

1  2  3  4 

5 

Marque um X na alternativa que indica a representação social dessas expressões culturais em contexto local.

a) Identificação com a imagem 05 e defesa de compartilhá-la com as demais.

b) Desconhecimento da figura 01 daí não atribuir-lhe valor.

c) Reconhecimento da aceitação de algumas destas manifestações em sala de aula.

d) Indicação de todas as imagens como iguais no valor.

e) Escolha das imagens 02 e 03 pelo reconhecimento social a ser imitado.

3. Leia a História em Quadrinhos e marque um (X) na alternativa abaixo que expressa como se lida com um conflito desta natureza.

(Fonte: http://www.portuguêslinguagem.com).

a) Ao presenciar algo semelhante, melhor pedir aos alunos para se calarem e inicia-se a aula.
b) Orienta-se e declara-se que discussões como estas não devem existir.
c) Explica-se que isso acontece porque historicamente o homem foi educado para mandar.
d) Indica-se a existência do preconceito como problema social.
e) Fala-se do preconceito exposto pelo texto dentre as suas diversas formas.

4. Como você interpreta o discurso da personagem central do texto abaixo ao defender a ausência do outro na turma?

(Fonte: http://50minutos.wordpress.com).

a) Isto foi feito pela valorização do grupo.
b) Agindo assim também se pratica o preconceito.
c) Esta atitude desperta indignação pela exclusão sofrida por alguém.
d) Esta atitude pode ser empecilho para o crescimento de ambos.
e ) Agindo assim, ensina-se o outro a respeitar o grupo.

5. “Que faz você aqui?” – Esta é uma pergunta comum em espaços caracterizados pela diversidade. Indique a provável reação a isso se alguém que mora na zona urbana se dirige assim a outro que reside na zona rural, marcando com um (X) uma alternativa.

a) Ignorar o ocorrido, não o valorizar para não criar problemas maiores.

b) Identificar preconceito na atitude de quem fez esta pergunta.

c) Afirmar que todos precisam ser acolhidos e instruir a necessidade de ajuda mútua, na admissão do lado positivo de cada um.

d) Explicar que a melhor maneira de responder a pergunta é compreender aquele que a formulou.

e) Admitir as diferenças, mas aguardar que o outro possa aprender a conviver com elas.

**Sente-se preparado(a) para ser apresentado(a) à proposta que o ajudará a lidar com a EJA fortemente marcada pela Diversidade?**